

## **A SECA DO NORDESTE TEM A IDADE DO BRASIL**

O Sr. **JESUALDO CAVALCANTI** (PFL-PI) – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Constituintes, eu gostaria, sinceramente, que minha intervenção nesta hora, após dias passados no meu Piauí, exprimisse outro estado de espírito que não o da indignação, da justa indignação. Isto porque o Nordeste, já premido pelo desemprego e pelo subemprego crônicos, agora se vê a braços com o agravamento desse quadro aflitivo e desesperador, por força da elevação dos juros e do racionamento de energia elétrica.

Creio não haver atividade honesta, aqui ou em qualquer outra parte do mundo, que possa suportar os escorchantes juros, atualmente praticados no mercado financeiro. Principalmente numa economia frágil e assim pouco competitiva, como a nordestina, periodicamente castigada por secas que teimam em aniquilar o trabalho, a garra e a pertinácia de sua gente.

De outro lado, tenho para mim que o corte médio de 15% no consumo de eletricidade, suscetível de elevar-se a 30% em maio próximo, significa a pior seca que se abateu sobre o Nordeste nos últimos anos, pois reduz, consideravelmente, a capacidade produtiva de seu pequeno parque industrial e estrangula seu incipiente programa de irrigação.

Há anos, fala-se na possibilidade de racionamento. Nada foi feito, no entanto, para evitá-lo ou mesmo para atenuar-lhe os efeitos. A construção da usina de Itaparica se arrasta a passos de cágado. O contrato para início das obras da usina de Xingó somente foi assinado no último dia 9. A duplicação da linha de transmissão que interliga os sistemas de Tucuruí e da CHESF ficou para as calendas gregas. Por fim, a reativação de termoelétricas paralisadas no Maranhão, em Pernambuco e na Bahia, com o que se reduziria para apenas 5% a dimensão do corte, ainda aguarda a palavra final da burocracia, sempre lerda e insensível.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Constituintes, a seca do Nordeste tem a idade do Brasil. Custa crer que esta Nação, ao longo de seus 487 anos, ainda não tenha tido tempo nem disposição para vencê-la. Enquanto isso, em Israel, o deserto se transforma em pomar, graças ao engenho e à arte do homem, em sua obstinada luta para domar a natureza adversa.

É de Tancredo Neves a afirmativa de que “só haverá Nova República quando tivermos um novo Nordeste”. Pois bem, é chegada a hora, nesta Assembléia Nacional Constituinte, começando por fixar um percentual mínimo da receita federal para aplicação na região, a exemplo do verificado nas Constituições de 1934 e 1946.

O Nordeste quer crescer com o Brasil. Assim, repele programas meramente assistenciais, medidas paliativas não raro responsáveis pela manutenção do clientelismo político, do voto de cabresto, do feudalismo no campo e de outras formas abjetas de manipulação e garroteamento da vontade e da liberdade do homem.

À falácia da prioridade social contrapomos a prioridade econômica, consistente na busca de integração definitiva do Nordeste ao processo de desenvolvimento nacional pela adoção, sem delongas, de políticas orientadas para o pleno aproveitamento e valorização de suas potencialidades. Queremos soluções estruturais, permanentes, duradouras e capazes de assimilar inovações tecnológicas e sepultar de vez os processos primitivos de produção lá ainda vigentes.

É o mínimo que pode almejar uma região hoje auto-suficiente na produção de petróleo e de álcool, detentora de riquezas minerais incalculáveis. É o mínimo a que faz jus um povo que, ostentando uma média de vida de 51 anos contra os 72 anos dos compatriotas do Sul do País, já nasce com a idade de 21 anos e, o que é pior, devendo 800 dólares a título de dívida externa, dívida que ele não contraiu, mas que é chamado a pagar, inapelavelmente.

Dir-se-á que o Nordeste já é beneficiado pela política de incentivos fiscais. Ora, para retratar a timidez dessa medida, basta esclarecer que os investimentos por ela proporcionados, no curso de 20 anos, equívale a 10% do investido na Açominas.

Daí repudiarmos o AI-5 do racionamento, eis que fruto do descaso com que são tratados os problemas nordestinos e baixado sem consulta às lideranças políticas e empresariais da região.

Muito obrigado.